

S
UFRJ/IEI
TD283

040019-X

nº 283

*Comércio Regional e
Especialização Produtiva: Uma
Análise do Comércio Intra-
Industrial entre o Brasil e os
Países da ALADI*

João Bosco Mesquita Machado

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

Instituto de
Economia
Industrial
UFRJ



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Economia Industrial

Textos para Discussão

*Comércio Regional e Especialização Produtiva:
Uma Análise do Comércio Intra-Industrial entre
o Brasil e os Países da ALADI*

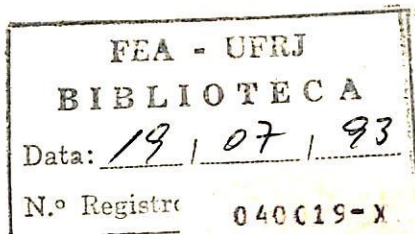
João Bosco Mesquita Machado (*)



43 - 016754

**Instituto de
Economia
Industrial
UFRJ**

Diretor
Aloísio Teixeira
Vice-Diretor
Ricardo Tolipan
Coordenador de Ensino
José Antonio Ortega
Coordenador de Pesquisa
Cláudio Salm
Gerente Administrativa
Sebastiana de Sousa Barros
Projeto Gráfico
José Antonio de Oliveira
Editoração Eletrônica
Jorge Amaro
Impressão
Célio de Almeida Mentor e Ronel José Gomes



S
UFRJ/IEI
TD 223

MS 94380

Ficha Catalográfica

MACHADO, João Bosco Mesquita

Comércio Regional e Especialização Produtiva: Uma Análise do Comércio Intra-Industrial entre o Brasil e os Países da ALADI. João Bosco Mesquita Machado. - Rio de Janeiro; UFRJ/IEI, 1992.

22p. 21cm. (IEI/UFRJ. Texto para Discussão, nº 283)

1. Brasil - Política Comercial. 2. Comércio Industrial. Brasil. 3. Comércio Internacional. I. Título II. Série.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Economia Industrial
Pálacio Universidade do Brasil
Av. Pasteur, 250 - Praia Vermelha
CEP 22290 - Rio de Janeiro - RJ
295 1447 e 541 8148 (fax)

**Comércio Regional e Especialização Produtiva:
Uma Análise do Comércio Intra-Industrial entre o Brasil e os
Países da ALADI**

I. Introdução

As relações econômicas na ALADI têm sido marcadas pelo baixo grau de integração comercial entre os países, não obstante os esforços integracionais empreendidos na região desde a década de 1960. Este fato decorre basicamente do estilo de desenvolvimento adotado pelos países que privilegiou a industrialização substitutiva de importações como mecanismo de enfrentamento das restrições de balanço de pagamentos. O resultado foi a montagem de estruturas produtivas autarquizadas e, como estratégia funcional e complementar a este modelo de industrialização, a adoção de políticas rígidas de controle das importações que não privilegiavam os parceiros comerciais na região como fornecedores preferenciais de produtos importados.

A política comercial brasileira, implementada a partir de meados da década de 1970, agravou ainda mais este quadro. Ao não levar em consideração o papel dinamizador que as importações brasileiras poderiam exercer sobre o comércio intra-regional, a política comercial brasileira gerou um estado de crescente afastamento em relação à América Latina o que, se por um lado, não contribuía em nada para reduzir os desajustes externos da economia brasileira, por outro lado, apenas intensificou a crise na região.

O trabalho divide-se em quatro seções. A segunda seção procura realizar uma breve resenha da literatura sobre comércio intra-indústria. Na terceira seção são apresentados índices de comércio intra-industrial entre o Brasil e os países da ALADI a três dígitos da CIU (Classificação Industrial Internacional

Uniforme) para a década de 80. Em seguida procura-se realizar uma análise destas informações. Finalmente, a quarta seção resume as principais conclusões do trabalho.

II. Comércio Intra-Indústrias: o marco teórico

Até meados da década de 70, a teoria tradicional do comércio internacional manteve-se praticamente inalterada. Esta teoria procurava explicar os fluxos internacionais de comércio a partir da noção ricardiana de “vantagens comparativas”. Segundo este pressuposto, as diferenças na dotação de fatores entre países produzem uma certa especialização produtiva o que, por sua vez, determinaria o padrão dos fluxos de comércio. Assim, diferentes países participariam de uma aprimorada divisão internacional do trabalho na qual cada país procura se especializar na produção de um conjunto de bens que melhor se adequa à sua disponibilidade relativa de fatores. Isto é, cada país leva em conta a capacidade de todos os outros parceiros comerciais de produzirem ou não bens em condições mais vantajosas. Como resultado desse processo de especialização, os fluxos de comércio internacional teriam características bem definidas: os países manteriam trocas entre si somente quando houvesse diferenças relativas entre a dotação de fatores e entre outros elementos específicos (como clima, por exemplo). Portanto, o comércio entre países estaria associado a um determinado padrão de distribuição espacial da produção o que permite classificar as relações de troca como sendo comércio entre indústrias distintas.

As mudanças ocorridas no cenário internacional ao longo da década de 70 - o aumento da intensidade do ritmo de progresso técnico, a modificação dos padrões de concorrência e a escalada do protecionismo - conduziram a uma revisão da teoria tradicional do comércio internacional. Estudos empíricos demonstraram a ocorrência de um incremento significativo do comércio entre países desenvolvidos envolvendo produtos de uma mesma indústria, fenômeno este que não era previsto pela teoria tradicional. Surgiram então novas teorias que procuravam explicar o padrão de comércio não como produto exclusivo do

processo de especialização produtiva, que resulta das diferenças na dotação de fatores, mas também como produto da especialização decorrente da capacidade de aproveitamento de economias de escala por parte de determinada indústria. Como condição para melhor aproveitamento das economias de escala, a especialização em produtos individuais dentro de cada indústria se manifesta na forma de um novo tipo de comércio, que se caracteriza pela troca de bens diferenciados produzidos por uma mesma indústria localizada em países diferentes.

Os modelos de comércio intra-industrial resultaram do desenvolvimento da teoria da organização industrial e das formulações da “teoria dos jogos”. Todos eles baseiam-se na hipótese de que os mercados operam em condições de concorrência imperfeita e de que neles os rendimentos crescentes de escala desempenham um papel significativo na determinação das configurações produtivas, dos perfis de produção e do padrão de comércio entre os países. Neste sentido, a nova teoria sugere que as políticas industrial e comercial podem gerar efeitos não desprezíveis sobre a capacidade competitiva das indústrias, na medida em que a intervenção do governo afeta o poder de mercado das empresas e conseqüentemente sua capacidade de aproveitar economias de escala.

Em geral os determinantes do comércio intra-industrial estão relacionados com duas ordens de fatores: as características das indústrias - a capacidade de produzir diferenciação de produto e a existência de economias de escala - e o tipo de países em que esse tipo de intercâmbio pode ser realizado. No que diz respeito à capacidade de diferenciação de produto, uma indústria instalada em um país e que produza produtos diferenciados, atenderá de maneira mais eficiente aquele conjunto de consumidores cuja demanda por determinado bem é predominante, pois neste caso é de se esperar que este bem tenha um custo unitário inferior aos demais. A possibilidade de atender uma fração da demanda interna através da importação aumentaria as opções de escolha do consumidor. Se se trata de uma indústria de dimensões pequenas, por mais que ela invista em diferenciação de produtos, dificilmente poderá atender satisfatoriamente os consumidores de determinado mercado se

o grau de diversificação de seus desejos for muito elevado. Neste caso, o comércio intra-indústria propiciaria um aumento do nível geral de bem-estar, pois o conjunto de produtos a disposição dos consumidores seria bem maior e seus preços provavelmente mais baixos. Pode-se também verificar a ocorrência de comércio intra-indústria entre produtos homogêneos: nos casos de comércio de fronteira, quando custos de transporte muito elevados determinam a importação de um produto em uma região do país e sua exportação em outras; sazonalidade na produção (no caso de bens agrícolas), associada à perecibilidade e a altos custos de estocagem, determina fluxos diferenciados de comércio para certos produtos, que pode ser exportado durante determinado período do ano e importados durante outro período. Tais situações não configuram trocas intra-industrial "strictu sensu". Trata-se na verdade de comércio inter-industrial que não é captado pelas estatísticas de comércio exterior, em função da inexistência de registros que discriminem períodos e regiões nos quais o produto foi exportado/importado.

A existência de economias de escala também gera efeitos sobre o padrão de comércio, mas o surgimento de comércio intra-indústria dependerá do tipo de produto (homogêneo ou diferenciado), do grau de substitutabilidade entre os bens e da possibilidade de integração e complementariedade entre plantas industriais localizadas em diferentes países. Assim, se uma indústria produz bens diferenciados, maior é a possibilidade de se estabelecer comércio intra-industrial, caso sua produção esteja sujeita a economias de escala. A especialização produtiva traria ganhos para todos os países envolvidos no comércio intra-industrial, pois ocorreria concomitantemente um aumento da quantidade de produtos à disposição dos consumidores e uma redução de seus preços, uma vez que as indústrias podem optar por produzir um escopo menor de produtos, mas a uma escala de produção superior. Ademais, quanto maior for o grau de substitutabilidade entre produtos diferenciados maiores são as chances de ocorrer comércio intra-industrial. Existe, no entanto, casos em que se verifica a ocorrência de economias de escala não associadas à geração de comércio intra-industrial. Este é o caso quando alguns poucos produtores praticamente

monopolizam a oferta mundial de determinado bem, ou quando em determinado país a produção de uma só planta industrial ultrapassa as necessidades de abastecimento do mercado interno. Nessas circunstâncias, as economias de escala não produzem comércio intra-indústria, mas, pelo contrário, serão fonte de comércio inter-industrial. Por fim, a possibilidade de geração de economias de escala nas diversas etapas do processo produtivo de uma mercadoria sugere que estratégias de integração vertical não são necessariamente benéficas a determinadas indústrias. Se existe a possibilidade de estabelecer troca intra-industrial entre produtores de um mesmo bem instalados em países distintos, o intercâmbio de partes e peças ou de produtos intermediários acarretaria um aumento significativo das escalas produtivas em cada planta o que poderia reduzir o custo final do produto e incrementar seu poder de competitividade, tornando possível seu acesso em novos mercados.

Um outro fator determinante da ocorrência de comércio intra-industrial são as características econômicas e o grau de desenvolvimento dos países. A idéia proposta é de que quanto mais altos forem os níveis de renda "per capita" e quanto mais parecidas fossem as estruturas de demanda dos países, maior o desejo de diversificação, mais diversificado será o consumo e maior será o conjunto de indústrias que possuem pautas similares de produção. Todos esses elementos propiciam o desenvolvimento de trocas intra-industriais, uma vez que a similaridade entre padrões de demanda de diferentes países está correlacionado com a existência de estruturas de dotação de fatores semelhantes. Nos casos em que é possível verificar a ocorrência de comércio intra-industrial entre economias com dotação de fatores muito diferentes, tal evento poderia ser explicado por duas ordens de fatores: ou pela especialização na produção de bens similares, mas com graus de qualidade diferenciados, situação em que os países mais desenvolvidos produziriam/exportariam bens de alta qualidade e os países menos desenvolvidos produziram/exportariam bens de baixa qualidade; ou pelas trocas ocorridas entre indústrias com intensidade de capital média, circunstância em que as diferenças

na dotação de fatores e, portanto, em seus preços afetam relativamente menos a competitividade dos produtos provenientes de países que alcançaram graus distintos de desenvolvimento.

III. Comércio Intra-Industrial entre o Brasil e os Países da ALADI

Uma das características marcantes das relações econômicas na ALADI é a fragilidade dos vínculos comerciais entre os países da região. Grande parte das dificuldades enfrentadas pelos projetos de integração na América Latina decorrem da estratégia comercial adotada pelo Brasil a partir da década de 70, que implicou em crescentes isolamento em relação aos seus parceiros da ALADI. A adoção de uma política industrial orientada essencialmente para a substituição de importações impediu que o Brasil, como maior economia da região, exercesse o papel de pólo dinamizador do comércio intra-regional, criando, via importações, poder de compra nas economias da região. É importante salientar que este estilo de industrialização não só afetou o montante das transações entre os países membros da ALADI, como também fixou um padrão de intercâmbio regional onde as trocas de produtos ocorrem exclusivamente entre setores nos quais as importações são complementares e não competitivas em relação à oferta local.

Este quadro estrutural se reforçou durante a primeira metade da década de 80, quando a crise da dívida externa gerou um estado de crescente instabilidade cambial e conduziu à implementação de políticas rígidas de controle das importações. Neste contexto, tornaram-se remotas as possibilidades de se estabelecer transações intra-industriais estáveis.

A Tabela 1 descreve o padrão de comércio do Brasil com os países da ALADI, através da participação dos intercâmbios inter e intra-industrial no total do fluxo de comércio. As evidências ali apresentadas reforçam o argumento desenvolvido nos parágrafos anteriores: não há nenhum país em que as transações intra-indústria sejam a forma predominante de comércio. Entre os membros da ALADI, apenas a Argentina e o México mantêm vínculos de comércio intra-industrial mais

significativos com o Brasil. Não por acaso, estes são os países da região que apresentam maior grau de desenvolvimento relativo. Os níveis mais elevados de renda desses países, a maior diversificação de suas pautas de produção e a semelhança das respectivas estruturas de demanda propiciam condições para o desenvolvimento do comércio intra-industrial. Para os demais países poucos são os setores de comércio intra-industrial em que o intercâmbio total de mercadorias alcança valores significativos (ver Tabela 2a e 2b).

No caso do México, o número de setores nos quais prevalece esse tipo de comércio cresceu de 7 para 9 (ver Tabelas 2a e 2b), o que foi acompanhado pela expansão da participação do fluxo de comércio intra-industrial de 16,7% para 44,9% do total do intercâmbio entre os países. Já no caso da Argentina, embora tenha havido um crescimento de 8 para 13 do número de setores nos quais prevalece o comércio intra-industrial, a participação desse tipo de comércio no intercâmbio total entre os países manteve-se constante, quando comparamos o triênio 1979-81 com o triênio 1986-88.

A manutenção dos níveis relativos de comércio intra-industrial entre Brasil e Argentina ao longo da década de 80, acompanhada do aumento do número de setores de comércio intra-industrial, serve para ilustrar a intensificação do intercâmbio comercial entre os dois países a partir da segunda metade da década de 80, quando as duas economias começaram a somar esforços para a retomada dos projetos de integração econômica na região e medidas de liberalização do comércio passaram a ser adotadas pelos países. Entretanto, a recuperação gradual dos níveis de comércio resultou basicamente da ampliação da exportação de produtos manufaturados pelo Brasil e de produtos primários pela Argentina, isto é, prevalece o comércio inter-industrial, abrangendo aquele conjunto de produtos em que os dois países possuem vantagens comparativas. Contudo, é bem provável que a redefinição dos horizontes da integração econômica na região possa promover a abertura de novos espaços comerciais para o intercâmbio intra-industrial, na medida em que um conjunto maior de setores indústrias passar a enxergar o mercado do país vizinho

como um mercado a ser testado e desenvolvido e cuja demanda terá importância crescente no futuro. Esse exercício recíproco de prospecção dos mercados nacionais empreendido por diferentes firmas estabelecidas em ambos os países, associado às eventuais oportunidades propiciadas por curtos períodos de relativa estabilidade cambial devem ser os fatores relevantes para explicar o crescimento do número de setores em que prevaleceu, a partir da segunda metade da década de 80, o intercâmbio intra-industrial.

A tendência à integração de novos setores ao padrão de comércio intra-industrial entre Brasil e Argentina pode ser exemplificada pelo maior dinamismo do comércio bilateral de bens de capital, verificado a partir da segunda metade dos 80 e pelo potencial de comércio intra-industrial a ser explorado em outros setores, principalmente nos complexos metal-mecânico e químico, pois são exatamente estes setores em que o intercâmbio total de mercadorias já alcança níveis mais significativos (ver Tabelas 2a e 2b). O Acordo de Integração Brasil-Argentina estabeleceu um conjunto de mecanismos visando promover o incremento do intercâmbio comercial, entre eles o protocolo de bens de capital. Com a entrada em operação do acordo sobre bens de capital, pôde se verificar, já a partir de 1987, um maior equilíbrio no intercâmbio entre os dois países, como resultado do aumento significativo de exportações de bens de capital da Argentina para o Brasil. Assim, o setor de bens de capital, que não figurava no triênio 1979-81 na lista dos setores de comércio intra-industrial, passou a fazer parte dessa lista no triênio 1986-88 (ver Tabela 2b).

Não obstante a maior relevância dos vínculos de comércio intra-industrial entre o Brasil, a Argentina e o México, durante a maior parte da década de 80, parece terem sido escassas as possibilidades de desenvolvimento desse tipo de comércio, principalmente em função da instabilidade cambial e da adoção de rígidos instrumentos de controle das importações por parte do Brasil. Dentro deste contexto, não há possibilidade de se estabelecerem vínculos de comércio, sejam eles baseados em importações competitivas, pois a gestão da política de

importações está submetida à lógica da administração da escassez de divisas, sejam na forma de contratos de fornecimento de insumos estabelecidos entre firmas independentes, que dificilmente podem manter-se no longo prazo caso prevaleça um ambiente marcado pela instabilidade das taxas de câmbio.

Restaria apenas o comércio intra-industrial baseado no intercâmbio intrafirmas. Este tipo de intercâmbio resulta basicamente da distribuição espacial de firmas multinacionais que possuem plantas produtivas operando simultaneamente em mais de um desses países. As firmas manteriam relações comerciais entre as filiais instaladas em diferentes países como estratégia que permite o aproveitamento de economias de escala e redução de custos propiciadas por trocas de partes e peças ou de produtos acabados. Segundo sugere Araújo Jr. (1991), em um estudo sobre as perspectivas da integração no Cone Sul, a rigor a única modalidade viável de comércio intra-industrial entre Brasil e Argentina durante a década de 80 teria sido o comércio intrafirmas. Será lícito afirmar que esta conclusão não é válida apenas para o intercâmbio comercial o Brasil com a Argentina, mas também prevaleceria no caso do comércio intra-industrial entre o Brasil e o México. Embora limitado a um conjunto muito pequeno de firmas - Saab Scania, Fiat e AutoLatina no caso do comércio Brasil-Argentina e Kodak no caso do comércio Brasil-México, as indústrias de material de transporte e de produtos químicos são os dois casos que ilustram o intercâmbio intrafirmas entre Brasil e Argentina e Brasil e México (ver Tabelas 2a e 2b).

Além da Argentina e do México, o Brasil mantém vínculos relevantes de comércio intra-industrial na ALADI apenas com o Uruguai, muito embora tenha aumentado, ao longo da década de 80, a importância do intercâmbio intra-industrial mantido com o Chile (ver Tabelas 2a e 2b). No que se refere ao comércio entre o Brasil e o Uruguai, a maior intensidade do intercâmbio intra-industrial, quando comparado com o desempenho de outros países da ALADI que alcançaram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao da economia uruguaia, provavelmente pode ser justificado pela proximidade desse país em relação aos grandes centros consumidores do

Brasil. O intercâmbio entre as indústrias de tintas, as indústrias têxteis e as indústrias de couros e calçados são responsáveis pela maior fatia do comércio intra-industrial entre os dois países.

Para os demais países da região o padrão de comércio caracteriza-se pela predominância significativa do intercâmbio inter-industrial (ver Tabelas 2a e 2b). Como a economia brasileira é, entre as economias da região, aquela que mais avançou no processo de substituição de importações, apresentando, portanto, uma estrutura industrial bastante complexa e desenvolvida, as relações comerciais brasileiras mantidas com a maior parte de seus vizinhos latino-americanos são baseadas fundamentalmente no aproveitamento de vantagens comparativas, com a exportação de manufaturados pela economia brasileira e a exportação de bens primários por parte das demais economias da região. Sem dúvida, no caso destes países, o comércio intra-industrial é registrado em setores em que o intercâmbio total de mercadorias é muito pequeno e pode ser explicado basicamente pela volatilidade do câmbio, que opera fluxos de exportação ou importação em direção a uma determinada economia, dependendo da taxa de câmbio prevalecente em determinado período. Finalmente, uma consideração de ordem metodológica deve ser feita em relação a esta questão. A comparação dos índices de comércio intra-industrial por triênios - 1979-81 e 1986-88 - pode conter distorções ao abranger períodos muito longos durante os quais, com certeza, ocorreram variações muito acentuadas da taxa de câmbio. Neste sentido, os índices de comércio intra-indústria calculados para os triênios podem estar superestimados.

IV. Conclusão

Os determinantes do comércio intra-industrial estão relacionados com duas ordens de fatores: a existência de economias de escala e de padrões de concorrência industrial baseados em diferenciação de produtos e segmentação de mercado. Estes elementos desempenham um papel importante na determinação das configurações produtivas e do padrão de

comércio entre os países. A integração entre economias distintas através de vínculos de comércio intra-industrial pode abranger fluxos de natureza distinta: importações competitivas que atendem uma fração da demanda interna; contratos de fornecimento de longo prazo envolvendo compra e venda de produtos de firmas independentes de uma mesma indústria localizada em países diferentes; e comércio intrafirma.

A análise do comércio intra-indústria entre o Brasil e os países da ALADI na década de 80 permite constatar que:

a) o estilo de desenvolvimento adotado pelos países da região, baseado na industrialização substitutiva de importações, conduziu à instituição de estruturas produtivas autarquizadas e ao emprego generalizado de barreiras comerciais que impediam o estabelecimento de vínculos de comércio baseados em importações competitivas em relação à oferta interna;

b) dentro de um cenário regional, marcado pela elevada instabilidade cambial são escassas as possibilidades de desenvolvimento de vínculos de comércio intra-industrial baseados em contratos de fornecimento de longo prazo envolvendo firmas independentes localizadas em países distintos;

c) na década de 80, o único fluxo permanente de comércio intra-industrial constatada entre o Brasil e os países da ALADI foi o intercâmbio intrafirmas.

Um dos elementos mais importantes dos processos de integração em curso na região, em especial o projeto MERCOSUL, é de que eles poderão conduzir à definição de um novo estilo de política comercial que privilegie o estabelecimento de mercados supranacionais dentro dos quais passem a ocorrer fluxos de importações competitivas entre os países. Esta estratégia poderá resultar inclusive em realocação de firmas dentro dos mercados integrados e até mesmo na exclusão de plantas industriais que não consigam operar com grau de eficiência semelhante aos demais competidores localizados nos países vizinhos. Portanto, o estabelecimento de vínculos estáveis de comércio intra-industrial na ALADI dependerá fundamentalmente dos avanços a serem alcançados nos processos de integração regional. Neste

Brasil. O intercâmbio entre as indústrias de tintas, as indústrias têxteis e as indústrias de couros e calçados são responsáveis pela maior fatia do comércio intra-industrial entre os dois países.

Para os demais países da região o padrão de comércio caracteriza-se pela predominância significativa do intercâmbio inter-industrial (ver Tabelas 2a e 2b). Como a economia brasileira é, entre as economias da região, aquela que mais avançou no processo de substituição de importações, apresentando, portanto, uma estrutura industrial bastante complexa e desenvolvida, as relações comerciais brasileiras mantidas com a maior parte de seus vizinhos latino-americanos são baseadas fundamentalmente no aproveitamento de vantagens comparativas, com a exportação de manufaturados pela economia brasileira e a exportação de bens primários por parte das demais economias da região. Sem dúvida, no caso destes países, o comércio intra-industrial é registrado em setores em que o intercâmbio total de mercadorias é muito pequeno e pode ser explicado basicamente pela volatilidade do câmbio, que opera fluxos de exportação ou importação em direção a uma determinada economia, dependendo da taxa de câmbio prevalente em determinado período. Finalmente, uma consideração de ordem metodológica deve ser feita em relação a esta questão. A comparação dos índices de comércio intra-industrial por triênios - 1979-81 e 1986-88 - pode conter distorções ao abranger períodos muito longos durante os quais, com certeza, ocorreram variações muito acentuadas da taxa de câmbio. Neste sentido, os índices de comércio intra-indústria calculados para os triênios podem estar superestimados.

IV. Conclusão

Os determinantes do comércio intra-industrial estão relacionados com duas ordens de fatores: a existência de economias de escala e de padrões de concorrência industrial baseados em diferenciação de produtos e segmentação de mercado. Estes elementos desempenham um papel importante na determinação das configurações produtivas e do padrão de

comércio entre os países. A integração entre economias distintas através de vínculos de comércio intra-industrial pode abranger fluxos de natureza distinta: importações competitivas que atendem uma fração da demanda interna; contratos de fornecimento de longo prazo envolvendo compra e venda de produtos de firmas independentes de uma mesma indústria localizada em países diferentes; e comércio intrafirma.

A análise do comércio intra-indústria entre o Brasil e os países da ALADI na década de 80 permite constatar que:

a) o estilo de desenvolvimento adotado pelos países da região, baseado na industrialização substitutiva de importações, conduziu à instituição de estruturas produtivas autarquizadas e ao emprego generalizado de barreiras comerciais que impediam o estabelecimento de vínculos de comércio baseados em importações competitivas em relação à oferta interna;

b) dentro de um cenário regional, marcado pela elevada instabilidade cambial são escassas as possibilidades de desenvolvimento de vínculos de comércio intra-industrial baseados em contratos de fornecimento de longo prazo envolvendo firmas independentes localizadas em países distintos;

c) na década de 80, o único fluxo permanente de comércio intra-industrial constatada entre o Brasil e os países da ALADI foi o intercâmbio intrafirmas.

Um dos elementos mais importantes dos processos de integração em curso na região, em especial o projeto MERCOSUL, é de que eles poderão conduzir à definição de um novo estilo de política comercial que privilegie o estabelecimento de mercados supranacionais dentro dos quais passem a ocorrer fluxos de importações competitivas entre os países. Esta estratégia poderá resultar inclusive em realocação de firmas dentro dos mercados integrados e até mesmo na exclusão de plantas industriais que não consigam operar com grau de eficiência semelhante aos demais competidores localizados nos países vizinhos. Portanto, o estabelecimento de vínculos estáveis de comércio intra-industrial na ALADI dependerá fundamentalmente dos avanços a serem alcançados nos processos de integração regional. Neste

contexto, o comércio intra-industrial passa a ser fonte permanente de competitividade e fator determinante de mudanças no padrão de inserção internacional das economias integradas.

Bibliografia

- ARAÚJO JR., J.T. "Reestruturação Industrial e Integração Econômica: as Perspectivas do MERCOSUL". Instituto de Economia Industrial-UFRJ, Rio de Janeiro, 1991, mimeo.
- BALASSA, B. "The New Protectionism and the International Economy". *Journal of International Trade Law* (1978).
- GABSZEWICZ & outros "International Trade in Differentiated Products". *International Economic Review* 22 (1981): 527-535.
- GRUBEL, H. & LLOYD, P. "Intra-Industry Trade: The Theory and Measurement of International Trade in Differentiated Products. London: Macmillan, 1975.
- HAVRYLYSHYN, O. & CIVAN, E. "Intra-Industry Trade and the State of Development." in *The Economics of Intra-Industry Trade*, Tharakan, P. (ed.). Amsterdam: North Holland, 1984.
- HELPMAN, E. "International Trade in the Presence of Product Differentiation, Economics of Scale and Monopolistic Competition: a Chamberlin-Heckscher-Ohlin Approach." *Journal of International Economics* 11 (1981): 305-340.
- _____. "The Factor Content of Foreign Trade". *Economic Journal* 94 (1984a): 84-94.
- KRUGMAN, P. "Intraindustry Specialization and the Gains from Trade". *Quarterly Journal of Political Economy* 89 (1981) 950-973.
- LANCASTER, K. "Intra-Industry Trade under Perfect Monopolistic Competition." *Journal of International Economics* 10 (1980): 151-175.
- LAWRENCE, C. & SPILLER, P. "Product Diversity, Economies of Scale and International Trade". *Quarterly Journal of Economics* 98 (1983): 63-83.
- LOERTSCHER, R. & WOLTER, F. "Determinants of Intra-Industry Trade: Among Countries and Across Industries". *Weltwirtschaftliches Archiv*, 8 (1980): 280-293.

TABELA 1
COMÉRCIO INTRA-INDUSTRIAL E INTER-INDUSTRIAL
(1979-81/1986-88)
PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DO FLUXO DE COMÉRCIO (X+M)

Tipo de Comércio	INTRA-IND.		INTER-IND. exportações líquidas		INTER-IND. importações líquidas		BAIXO VOL. COMÉRCIO(*)	
	79-81 (%)	86-88 (%)	79-81 (%)	86-88 (%)	79-81 (%)	86-88 (%)	79-81 (%)	86-88 (%)
Argentina	37,1	37,2	34,1	27,6	27,8	35,2	1,0	d
Bolívia	3,2	4,6	63,4	93,2	31,2	2,2	2,2	d
Chile	5,2	21,1	48,9	42,4	45,2	36,5	0,7	d
Colômbia	8,5	0,6	91,2	93,3	0,2	6,1	0,1	d
Equador	0,1	d	69,9	97,3	29,6	2,7	0,4	d
México	16,7	44,9	40,7	39,2	42,5	15,9	0,1	d
Paraguai	5,9	12,6	67,4	68,6	22,9	18,8	3,8	d
Peru	8,2	23,5	51,5	60,2	40,2	16,3	0,1	d
Uruguai	20,5	28,6	51,1	38,0	28,0	33,4	0,4	d
Venezuela	2,3	6,5	29,7	66,3	67,9	27,2	0,1	d

Fonte: ALADI, IBGE

Obs.: d=valores desprezíveis

(*) Participação da corrente de comércio (X+M)<5% do total da produção nacional.

TABELA 2a
INDÚSTRIAS A 3 DÍGITOS CIU COM ICI(*)>0,5
BRASIL X ALADI E BRASIL X RESTO DO MUNDO
(1979-81)

Países Setores	ICI(*)	(X+M)
Argentina		
384-material de transporte	0,96	105,2
351-substâncias químicas industriais	0,93	118,7
352-outros produtos químicos	0,86	38,6
385-equipamentos científicos e óticos	0,82	10,2
290-outros minerais	0,79	4,1
362-vidro e produtos de vidro	0,73	14,6
311-produtos alimentícios	0,72	233,6
353-refinarias de petróleo	0,67	125,6
Total 8		
Bolívia		
290-outros minerais	0,78	0,1
353-refinarias de petróleo	0,74	5,7
331-madeira e produtos exceto móveis	0,63	0,7
372-indústria de metais não ferrosos	0,50	0,9
total 4		
Colômbia		
342-produtos editoriais	0,95	0,4
323-couro e produtos de couro	0,91	d
362-vidro e produtos de vidro	0,89	3,0
369-produtos minerais não metálicos	0,51	1,9
941-películas cinematográficas	0,50	d
Total 5		
Chile		
351-substâncias químicas industriais	0,80	33,8
353-refinarias de petróleo	0,75	6,0
362-vidro e produtos de vidro	0,51	4,4
Total 3		

Textos para Discussão

Equador		
941-películas cinematográficas	1,00	d
111-agricultura	0,73	d
Total	2	
México		
342-produtos editoriais	0,95	0,9
352-outros produtos químicos	0,93	55,9
362-vidro e produtos de vidro	0,87	11,9
230-minerais metálicos	0,78	8,6
390-outras manufaturas	0,76	4,3
383-maquinarlo e acessórios eletr.	0,73	85,9
311-produtos alimentícios	0,51	12,7
Total	7	
Paraguai		
941-películas cinematográfica	0,67	d
352-outros produtos químicos	0,62	30,6
Total	2	
Peru		
311-produtos alimentícios	0,90	10,2
342-produtos editoriais	0,81	d
313-bebidas	0,78	d
351-substâncias químicas industriais	0,78	6,7
111-agricultura	0,76	2,5
290-outros minerais	0,61	2,0
321-produtos têxteis	0,58	8,6
121-silvicultura	0,53	d
Total	8	

Comércio Regional e Especialização Produtiva: Uma Análise

Uruguai

369-produtos minerais não metálicos	0,98	3,6
111-agricultura	0,96	40,4
290-outros minerais	0,96	1,9
324-calçados de couro	0,91	1,0
321-produtos têxteis	0,82	9,1
352-outros produtos químicos	0,82	10,3
941-películas cinematográficas	0,80	d
351-substâncias químicas industriais	0,68	31,8
390-outras manufaturas	0,66	1,5
362-vidro e produtos de vidro	0,51	4,9
Total	3	
Resto do Mundo		
111-agricultura	0,97	2380,4
384-material de transporte	0,97	2323,3
355-produtos de borracha	0,96	113,0
371-produtos básicos de ferro e aço	0,94	1255,9
390-outras manufaturas	0,90	123,3
313-bebidas	0,83	139,3
341-papel e produtos de papel	0,65	618,8
353-refinarias de petróleo	0,61	842,9
381-produtos metálicos exceto máquinas	0,59	368,0
352-outros produtos químicos	0,57	462,0
290-outros minerais	0,53	231,6
369-produtos minerais não metálicos	0,51	121,9
Total	12	

Fonte: ALADI

(*) ICI=Índice de Comércio Intra-Indústria = $1 - X \cdot M / (X + M)$

X=Exportações Brasileiras em Milhões de Dólares Correntes

Média Anual no Triênio

M=Importações Brasileiras em Milhões de Dólares Correntes

Média Anual no Triênio

d=Valores Desprezíveis

TABELA 2b
INDÚSTRIAS A 3 DÍGITOS CITU COM ICI(*)>0,5
BRASIL X ALADI E BRASIL X RESTO DO MUNDO
(1986-88)

Países Setores	ICI(*)	(X+M)
Argentina		
353-refinarias de petróleo	0,94	45,1
382-máquinas exceto elétricas	0,94	98,6
313-bebidas	0,92	2,5
341-papel e produtos de papel	0,84	25,2
384-material de transporte	0,83	91,4
352-outros produtos químicos	0,82	41,7
342-produtos editoriais	0,78	2,5
321-produtos têxteis	0,78	12,9
290-outros minerais	0,78	13,0
381-produtos metálicos exceto máquinas.	0,75	6,4
351-substâncias químicas industriais	0,74	198,4
121-silvicultura	0,67	d
332-móveis de madeira e acessórios	0,57	d
Total 13		
Bolívia		
111-agricultura	0,76	9,6
331-madeira e produtos exceto móveis.	0,51	0,9
Total 2		
Colômbia		
322-vestuário	0,78	0,7
323-couro e produtos de couro	0,71	0,3
312-produtos alimentícios	0,66	0,2
Total 3		
Chile		
311-produtos alimentícios	0,87	8,4
341-papel e produtos de papel	0,86	37,5
111-agricultura	0,79	45,5
351-substâncias químicas industriais	0,63	77,9
121-silvicultura	0,60	1,5
Total 5		

Equador

331-madeira e produtos exceto móveis.	0,88	d
311-produtos alimentícios	0,70	3,0

Total 2

México

352-outros produtos químicos	0,96	51,4
356-produtos plásticos	0,90	0,5
230-minerais metálicos	0,85	13,2
121-silvicultura	0,84	0,9
341-papel e produtos de papel	0,81	9,9
321-produtos têxteis	0,80	2,6
384-material de transporte	0,73	29,6
362-vidro e produtos de vidro	0,63	3,7
351-substâncias químicas industriais	0,52	60,8

Total 9

Paraguai

121-silvicultura	0,98	d
323-couro e produtos de couro	0,71	1,5
352-outros produtos químicos	0,65	22,8
311-produtos alimentícios	0,59	31,8

Total 4

Peru

321-produtos têxteis	0,84	1,6
121-silvicultura	0,73	0,3
290-outros minerais	0,69	3,3
311-produtos alimentícios	0,68	14,8
372-produtos básicos metais não ferrosos	0,67	52,9

Total 5

Textos para Discussão

Urugual

321-produtos têxteis	0,96	22,4
324-calçados de couro	0,92	1,3
111-agricultura	0,86	60,1
356-produtos plásticos	0,71	1,3
351-substâncias químicas industriais	0,64	96,7
362-vidro e produtos de vidro	0,62	2,4
342-produtos editoriais	0,61	0,8
369-produtos minerais não metálicos	0,59	2,0

Total 8

Venezuela

351-substâncias químicas industriais	0,65	31,9
--------------------------------------	------	------

Total 1

Resto do Mundo

356-produtos plásticos	0,87	77,3
130-pesca	0,85	189,2
382-máquinas exceto. elétricas	0,83	3097,5
121-silvicultura	0,82	24,1
369-produtos minerais não metálicos	0,81	147,3
362-vidro e produtos de vidro	0,79	62,3
352-outros produtos químicos	0,79	510,5
311-produtos alimentícios	0,77	1011,9
390-outras manufaturas	0,72	78,3
381-produtos metálicos exceto máquinas	0,68	316,3
383-máquinas e acessórios elétricos	0,64	2094,3
351-substâncias químicas industriais	0,63	3110,8
342-produtos editoriais	0,60	92,0
384-material de transporte	0,56	3068,1

Total 14

Fonte: ALADI

(*) ICI=Índice de Comércio Intra-Indústria = $1 - \frac{X-M}{X+M}$

X=Exportações Brasileiras em Milhões de Dólares Correntes,
Média Anual no Triênio.

M=Importações Brasileiras em Milhões de Dólares Correntes,
Média Anual no Triênio.

d=Valores Desprezíveis.